

CONCEITO DE SEGUNDA ORDEM: O DIÁLOGO COM O PASSADO PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

SECOND ORDER CONCEPT: DIALOGUE WITH THE PAST BY HIGH SCHOOL STUDENTS

CONCEPTO DE SEGUNDO ORDEN: DIÁLOGO CON EL PASADO POR ESTUDIANTES DE LA ESCUELA SECUNDARIA

Izís Pollyanna Teixeira Dias de Freitas¹

Edinalva Padre Aguiar²

Resumo

O texto que se segue refere-se a parte da discussão teórica da pesquisa intitulada A concepção de passado apresentada pelos jovens e alunos do Ensino Médio (Lagoa Real/BA) que se encontra em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Insere-se no campo do ensino da História e seu principal objetivo é analisar as concepções de passado apresentadas por alunos do Ensino Médio. A escolha de tal conceito ocorreu por considerarmos importante investigar como os alunos dialogam com o passado e, pensando historicamente, possibilitam em si a construção efetiva da aprendizagem histórica. Definimos a abordagem qualitativa como matriz teórico-metodológica a ser utilizada na análise dos dados.

Palavras-chaves: Passado; Aprendizagem Histórica; Ideias Históricas; Conceito de Segunda Ordem; Educação Histórica.

Abstract

The following text refers to part of the theoretical discussion of the research entitled Historical Education: past conceptions of high school students (Lagoa Real/Bahia) that is underway with the Graduate Program in Education (PPGED), from the State University of Southwest Bahia (UESB). It is part of the field of history teaching and its main objective is to analyze the conceptions of the past presented by high school students. The choice of such concept occurred because we consider it important to investigate how students dialogue with the past and, thinking historically, enable in itself the effective construction of historical learning. We define the qualitative approach as the theoretical-methodological matrix to be used in the data analysis.

Keywords: Past; Historical learning; Historical ideas; Second Order Concept; Historical Education.

Resumen

El texto que sigue se refiere a parte de la discusión teórica de la investigación titulada Educación histórica: concepciones pasadas de estudiantes de secundaria (Lagoa Real/BA) que está en progreso con el Programa de Posgrado en Educación (PPGED), de la Universidad Estatal del

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Professora na rede estadual de Educação Básica do Estado da Bahia (SEC/BA).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Integrante do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Ensino de História (LAPEH/UESB).

Suroeste de Bahía (UESB). Se inserta en el campo de la enseñanza de la Historia y su objetivo principal es analizar las concepciones del pasado presentadas por estudiantes de secundaria. La elección de tal concepto se produjo porque consideramos importante investigar cómo los estudiantes dialogan con el pasado y, pensando históricamente, hacen posible la construcción efectiva del aprendizaje histórico. Definimos el enfoque cualitativo como una matriz teórico-metodológica para ser utilizada en el análisis de datos.

Palabras clave: pasado; Aprendizaje histórico; Ideas históricas; Concepto de segundo orden; Educación histórica.

Introdução

Na perspectiva da Educação Histórica, que busca estudar a apreensão das ideias de segunda ordem por parte dos alunos e como estas auxiliam na compreensão disciplinar da História, consideramos importante investigar como os alunos dialogam com o passado. O pensamento histórico dos alunos, segundo Peter Lee, é analisado por meio de dois conceitos: os denominados de “substantivos” – que se referem a noções ligadas aos conteúdos históricos –, e aqueles nomeados de “segunda ordem” – sendo estes considerados como inerentes à natureza da História, à sua epistemologia, também designados como estruturais ou metahistóricos (BARCA, 2001, p. 25).

Devido à complexidade que caracteriza tais ideias, evidenciada nos textos consultados, afirmamos que ainda não existe um consenso quanto ao termo mais adequado para referi-las, pois são frequentemente mencionadas como conceitos históricos de segunda ordem, ou simplesmente conceitos de segunda ordem, conceitos disciplinares, conceitos epistemológicos ou ainda conceitos estruturais da História. Entendemos então, que esses conceitos são organizadores de alto nível para a ciência histórica e para a história disciplinar, mas não há ainda uma concordância para referi-los. Dessa forma, ao mencioná-los faremos aqui a opção de conceitos de segunda ordem.

Nessa seção, discutiremos o conceito de segunda ordem “passado histórico”, seu estudo se faz necessário por destacar aspectos relacionados a valores pessoais e motivações dos sujeitos quando associados aos conceitos substantivos da História (SANTOS, 2013). A escolha de tal conceito ocorreu também por consideramos importante investigar como os alunos dialogam com o passado e, pensando historicamente, possibilitam em si a construção efetiva da aprendizagem histórica. Além disso, consideramos de extrema relevância discussões dessa natureza, notadamente

em um momento em que as narrativas sobre o passado se encontram mais fortemente em disputa e há uma forte tendência a disrupção com nossas heranças ancestrais, fortalecendo o presentismo.

Essa vivência presentista é questionada por Eric Hobsbawm (1995), levando-nos a refletir sobre como os alunos não se encontram conectados a um passado que influencia sua vida prática, ao tempo que alerta os historiadores quanto o seu papel. Vejamos:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importante que nunca no fim do milênio. Por esse motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Entendemos que na compreensão dos conhecimentos históricos a relação que os alunos mantêm com o tempo e, sobretudo, com o passado é essencial. O presentismo suplanta o passado, dificulta a perspectivação do futuro, reafirmando a ótica de que o mais importa é o aqui e o agora. Nesse sentido, Maria Auxiliadora Schmidt (2008, p. 85), argumenta que

[...] um dos elementos dessa consciência é o tempo, pois o homem – ao estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo – precisa assenhorear-se do tempo para que possa realizar as intenções do seu agir.

Daí, vem a necessidade de refletir acerca das formas pelas quais os alunos se relacionam com o tempo, uma vez que elas implicam em sua compreensão sobre o passado, sobre o presente e suas perspectivas de futuro.

O pensamento histórico sob a ótica do conceito de segunda ordem

A história, segundo Peter Lee (2016, p. 107), “é uma forma pública de conhecimento e o desenvolvimento de uma tradição metacognitiva, com as suas próprias normas e critérios”. No entanto, Bodo von Borries (2016) chama a atenção para a complexidade da

História e sua não menos intrincada epistemologia, por isso sugere que a História deve

ser pensada como "um modelo de pensamento" e não estritamente como uma narrativa cronológica ou cânone histórico, especialmente porque cronologias e cânones simplificam o passado, deixando de fora 99,9% do que aconteceu, particularmente experiências de pessoas comuns (BORRIES, 2016, p. 171, grifos do autor).

O cânone ao qual se refere o autor, que exclui tantas narrativas possíveis e necessárias, nos leva a uma discussão acerca do que se entende por pensamento histórico e o que deve ser considerado em sua formulação. Para este autor, a História é constituída por um modo distinto de pensamento, sendo uma ferramenta para decodificar fenômenos e orientação no presente e no futuro (BORRIES, 2016). Com base nessa premissa, discorre sobre os objetivos do ensino de História, afirmando que este deve levar em consideração as necessidades e experiências demonstradas pelo aluno e contemplar múltiplas perspectivas, proporcionando, assim, a construção de competências do pensamento histórico (BORRIES, 2016).

Para que a História tenha razão de ser, é necessário, segundo Peter Lee (2008), que o conhecimento substantivo (conteúdo) e o conhecimento da própria disciplina de História (ideias de segunda ordem) caminhem juntos oportunizando assim, a ocorrência da orientação temporal, ou seja, a consciência histórica. Dentro dessa premissa, esse autor (LEE, 2016, p. 107) assevera,

[...] o ensino de história envolve o desenvolvimento de um aparato conceitual de segunda ordem que permite que a história siga em frente, em vez de imobilizá-la e, ao fazê-lo, abre a perspectiva de mudança de uma visão cotidiana da natureza e do estado de conhecimento passado para uma de conhecimento histórico.

Observamos então, que o pensamento histórico dos alunos, segundo Peter Lee, é analisado por meio de dois conceitos: os denominados de “substantivos” – que se referem a noções ligadas aos conteúdos históricos –, e aqueles nomeados de “segunda ordem” – sendo estes considerados como inerentes à natureza da História, à sua epistemologia, também designados como estruturais ou meta-históricos (BARCA, 2001, p. 25).

Assim, buscamos nos argumentos deste autor britânico uma explicação sobre o que de fato refere-se a ideia de conceitos substantivos e de segunda ordem, então podemos observar como Peter Lee (2001, p. 15) esclarece:

existem conteúdos substantivos como agricultura, revolução, monarquia, que são muito importantes. Embora a compreensão dos conceitos substantivos seja muito importante, na Inglaterra começamos a ter em conta outros tipos de conceitos, **também os conceitos de “segunda ordem”**. É este tipo de conceitos, como narrativa, relato, explicação, que dá consistência à disciplina. **É importante investigar as ideias das crianças sobre estes conceitos, pois se tiverem ideias erradas acerca da natureza da História, elas manter-se-ão se nada se fizer para contrariá-las.** (grifos nossos)

Vale ressaltar que as tentativas de definição destes conceitos surgem a partir de 1989 quando as discussões realizadas pelos pesquisadores Peter Lee, Alaric Dickinson e Rosalyn Ashby propuseram, pela primeira vez, apresentar uma definição para as ideias de segunda ordem, afirmando que estas “significam mais do que uma ordem superior de conceitos substantivos [...] esta ordem superior é mais um meta-nível, através do qual é dada forma epistemológica à disciplina” (LEE; DICKINSON; ASHBY, 2004, p. 218 *apud* CASTRO, 2007, p. 48).

De acordo com Julia Castro (2007, p. 48), a definição para esse conceito “[...] aponta para uma dupla fonte de origem – conceitos históricos e conceitos filosóficos”, logo, são denominadas igualmente como *meta-história*, *ideias de segunda ordem*, *conceito epistemológico* ou ainda *conhecimento disciplinar*, porque:

- i. Estão para além da História, ou seja, não é o objeto de estudo dos historiadores, mas sim o tipo de conhecimento que está envolvido quando se estuda História;
- ii. Dizem respeito ao conhecimento que está por detrás da produção dos conteúdos da História;
- iii. O conhecimento envolvido é construído da disciplina de História. (LEE, 2005 *apud* CASTRO, 2007, p. 48)

Peter Lee, ao longo de suas reflexões, definiu essa ordem superior de conceitos que contribuem para o entendimento disciplinar da História, já que as ideias de segunda ordem dizem respeito ao conhecimento que está por trás da produção dos conteúdos da História e ao conhecimento construído na disciplina (LEE, 2006). Alguns deles serviram como categorias de estudo para o próprio Peter Lee e outros desses conceitos, foram estudados por colaboradores. Assim, destacamos alguns desses conceitos históricos de segunda ordem necessários para o desenvolvimento da aprendizagem histórica, sendo: narrativa, explicação histórica, significância histórica, mudanças, causa e evidência históricas, empatia histórica, verdade histórica, passado histórico e ação histórica.

É importante destacar que a apreensão das ideias de segunda ordem é entendida como uma operação mental elevada, devendo se caracterizar dentro do ensino de História como objetivo primordial, pois elas se caracterizam como um instrumento poderoso na compreensão do conhecimento histórico por contribuir com o aluno, na formação de suas ideias histórica. Dentro desse entendimento, Edinalva Aguiar (2013 p. 156) argumenta que “a importância da apreensão dos ‘conceitos de segunda ordem’ seria elevada em virtude de sua função de colaborar para que os alunos formem ideias históricas em uma progressão qualitativa, ou seja, elaborem ideias meta-históricas”.

Sobre o desenvolvimento dos conceitos substantivos e de segunda ordem em sala de aula, Edinalva Aguiar sugere que

juntos e a depender da maneira como forem trabalhados, ambos podem contribuir para a formação de um repertório conceitual histórico por parte do aluno, para o desenvolvimento de uma conduta de alteridade e respeito à diversidade entre seres, grupos e povos e para a compreensão das diferenças qualitativas entre passado e presente (AGUIAR, 2013, p. 162).

Por essa premissa, podemos dizer que as ideias de segunda ordem assumem grande relevância para a disciplina de História, por influenciar que o aluno adquira a compreensão da organização do conhecimento histórico e dos conhecimentos substantivos, “instrumentalizando-os para a efetiva apropriação de saberes e reelaboração desses saberes, cuja apreensão e usos extrapolariam o universo escolar” (AGUIAR, 2013 p. 156).

Com base nos estudos da autora referenciada defendemos que se deve levar em conta o contexto de espaços formais e informais de aprendizado, as histórias pessoais e coletivas de indivíduos, grupos e instituições, como estratégias de aprendizagem, pois “essas ideias se coadunam com a perspectiva da Educação Histórica, interessada no aprendizado dos conceitos substantivos e de segunda ordem” (AGUIAR, 2013, p. 162).

Para Rita de Cássia dos Santos (2012, p. 766), dentro da abordagem da Educação Histórica, é necessário questionar, “qual é o significado do passado para o ensino de História” e, no nosso caso, para os alunos. Porque essa autora entende que o conceito de passado “é um dos mais importantes na construção da epistemologia da ciência histórica e, por consequência, para a aprendizagem em História” (SANTOS, 2012, p. 766).

Sendo que esse é importante como objeto de investigação do historiador, pois a ele é dada grande importância na construção da epistemologia da ciência histórica.

Referendamos tal perspectiva, ou seja, a de compreender a significância que o aluno dá ao passado por imaginarmos ser muito difícil realizar uma boa compreensão do presente, desconhecendo ou minimizando a relevância do passado na construção social.

Parafraseando Peter Seixas (2012), é preciso entender que compreensão do passado é diferente do passado, pois a compreensão do passado é mais que o passado, porque sabemos com as coisas aconteceram. Por sua vez, a compreensão desse passado diferencia do passado em si, porque é seletiva. Dentro dessa premissa, podemos assegurar que as tomadas de atitudes se baseiam nas experiências passadas ou na compreensão do passado.

Assim, considerando a importância da apreensão das ideias de segunda ordem e entre elas o passado histórico, por parte dos alunos para sua vida, entendemos que ela deve compor o processo de ensino-aprendizagem histórica, visto que pode colaborar para que o aluno desenvolva a capacidade de trazer o

[...] passado para o presente, mas não um passado visto como fatos estanques, mas (re)interpretado. Dessa forma, é possível conduzir o aluno à compreensão da intrínseca relação temporal entre os fatos e a distinção qualitativa dessa temporalidade, levando-o a uma metacognição (AGUIAR, 2013, p. 157).

É por isso que na aprendizagem histórica se faz necessário discutir o significado do passado por meio de evidências que apresentam no presente. Por que imaginarmos ser muito difícil realizar uma boa compreensão do presente, desconhecendo ou minimizando a relevância do passado na construção social.

Dentro dessa ótica de promoção com qualidade da aprendizagem histórica, objetiva-se entender como o aluno faz a relação entre passado, presente e perspectiva o futuro, como utiliza essa relação temporal na tomada de decisão e, principalmente, no tipo de consciência histórica que assumirá, a partir da influência de sua concepção de passado, ou seja, quais serão suas opiniões a respeito do passado no presente e como essas opiniões conduzirão suas ações frente às demandas da vida.

A apreensão do conceito de segunda ordem empatia histórica é importante dentro da aprendizagem histórica, porque busca tornar o passado mais inteligível,

promovendo a capacidade de percepção das diferenças entre o eu e o outro. Levando os alunos a compreenderem “os motivos de atuação das pessoas do passado e o que pensavam sobre o modo como agiam” (SANTOS; CAINELLI, 2019, p. 5).

Discutindo o conceito de empatia histórica como um retorno ao passado na busca pela compreensão contextualizada acerca das ações dos sujeitos, Peter Lee (2003, p. 22) alega que duas ideias do senso comum dificultam a compreensão atual acerca das pessoas do passado, sendo uma delas entender “o presente como ponto de partida para o que é normal” e a outra, “a ideia de progresso”, principalmente, quando este é visto apenas quanto ao melhoramento tecnológico de bens e serviços, fazendo com que o passado seja compreendido como deficitário. Observe o argumento do autor:

Enquanto as instituições das crianças lhe indicam que as pessoas no passado pensavam como nós, mas tinham capacidades intelectuais e morais diferentes das nossas, os historiadores trabalham com base no pressuposto de que o passado foi povoado com pessoas com as mesmas capacidades intelectuais que nós mas que pensavam de forma diferente. A História vai por caminhos opostos aos do senso comum [...] (LEE, 2003, p. 24).

O autor aponta a diferenciação entre a compreensão do passado dos historiadores e as advindas do senso comum. Nesse sentido, para a aprendizagem histórica seria importante entender que a compreensão histórica “vem da forma como sabemos como é que as pessoas viveram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo que sentiram os sentimentos apropriados aquela situação, sem nós próprios as sentirmos” (LEE, 2003, p. 21). Essa forma de cognição ajuda a contextualizar o conhecimento histórico e estabelecer diferença qualitativa entre passado e presente.

A narrativa histórica é um outro conceito de segunda ordem, utilizado pela aprendizagem histórica para desenvolver a compreensão do pretérito pelos alunos, pois esta estimula o pensamento histórico ao representar “uma constituição de sentido através da experiência do tempo. [...] expressa uma relação direta entre a interpretação do passado que dá sentido ao presente” (SANTOS; CAINELLI, 2019, p. 8). Afirmamos então, que o trabalho com narrativas dentro da perspectiva de conceito histórico de segunda ordem permite compreender as ideias dos alunos, em especial aquelas que dizem respeito ao tempo, ou seja a relação presente passado na compreensão da História.

Assim, como argumenta Peter Lee (2016, p. 128), “o desenvolvimento de conceito de segunda ordem que fornece a base para a compreensão disciplinar possibilita diversas novas formas de ver o mundo”. Por essa premissa, podemos dizer que as ideias de segunda ordem assumem grande relevância para a disciplina de História, por influenciar na forma como o aluno adquire a compreensão da organização do conhecimento histórico e dos conhecimentos substantivos.

Essa importância se dá porque é na presença do conhecimento histórico substantivo e disciplinar que a história é transformativa não separando passado e presente um do outro (LEE, 2016). Por isso, se faz necessário que entendamos a natureza transformativa da história e sua função de modificar nossa visão sobre o presente e o futuro para que assim, o acontecimento do passado assuma forma que desejamos lhe dar, e que, se de fato quisermos recomendá-la para o uso prático, é melhor certificar-se de que primeiro entendemos sua importância no presente, uma vez que “o acontecimento do passado é considerado como sendo o acúmulo de fatos ou histórias que estão necessariamente confinadas a esse passado (LEE, 2016, p. 130). Assim, compreendida em sua tradição cognitiva pública e reflexiva, a História, “reconhece que o passado toma a funcionamento como uma ecologia temporal” (LEE, 2016 p. 136). Então segundo esse autor, é preciso que entendamos a História como tendo também um caráter de uso prático, ao compreendermos como ela promove uma relação de reciprocidade entre as pessoas e as percepções temporais.

Considerações Finais

É importante destacar que a apreensão das ideias de segunda ordem é entendida como uma operação mental elevada, devendo se caracterizar dentro do ensino de História como um dos objetivos primordiais, pois elas se caracterizam como um instrumento poderoso na compreensão da disciplina. Pois na presença do conhecimento histórico substantivo e disciplinar que a história é transformativa não separando passado e presente um do outro (LEE, 2016). Então segundo esse autor, é preciso que entendamos a história como transformativa em seu uso prático, ao compreendermos o seu funcionamento e

como esta promove uma relação de reciprocidade entre as pessoas e as percepções temporais.

Diante do exposto, defendemos que as ideias de segunda ordem representam um poderoso instrumento para a disciplina História, por proporcionar a compreensão da organização do conhecimento histórico e colaborar para o desenvolvimento do pensamento histórico e da consciência histórica do aluno. Consideramos que, embora seja um conceito difundido entre os pesquisadores do campo da Educação Histórica, sua popularização ainda se faz necessária em sala de aula da Educação Básica, para que assim o desenvolvimento destes conceitos metahistóricos, associados aos conceitos substantivos, possam superar formas canônicas da aprendizagem histórica.

Referências

AGUIAR, Edinalva Padre. **O ensinado, o aprendido:** a educação histórica e a consciência histórica. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14561/1/Tese%20Edinalva%20Padre%20Aguiar.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2018.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: **Revista da Faculdade de Letras História**. Porto, III Série, vol. 2, 2001, p. 013-021.

BORRIES, Bodo von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone histórico? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 171-196, abr./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n60/1984-0411-er-60-00171.pdf>>. Acesso em 11 jan.2019.

CASTRO, Júlia. Perspectivas de alunos do ensino secundário sobre a interculturalidade e o conhecimento histórico. In: **Currículo sem Fronteira**, v. 7, n. 1, pp. 28-73, jan/jun 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/castro.pdf>>. Acesso em 24 out.2018.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos:** o breve século XX: 1924-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEE, Peter. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: Compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel (Org.). **Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação História**. Braga: 2003, p. 9-19.

LEE, Peter. DICKINSON, Alaric. ASHBY, Rosalyn. Las ideas de los niños sobre la historia. In: CARRETRO, Mario. VOSS, James F. (Comps.). **Aprender e pensar la historia**. Buenos Aires: Amorrortu, 2004, p. 217-248.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**, nº espe Curitiba, p. 131-150, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.403>>. Acesso em 11 jan.2019.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. **Educar em Revista**, nº 60 pp. 107-146. Curitiba Apr./June 2016. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602016000200107&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 11 jan.2019.

SANTOS, Flávio Batista dos; CAINELLI, Marlene Rosa. Educação Histórica e Temporalidade: campo e categoria do ensino e aprendizagem em História. **Rer. HISTEDBR**. Campinas, SP v. 19, p. 1-16, julho 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8654355/21036>>. Acesso em 06 ago.2019.

SANTOS, Rita de Cássia G. Pacheco dos. O conceito de passado e sua significância histórica para professores de história e os livros didáticos recebidos no PNLEM. In: **ANTÍTESES**, v. 5, n. 10, p. 537-553, jul. /dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/issue/view/855>> Acesso em: 03 jul. 2018.

SANTOS, Rita de Cássia G. Pacheco dos. **A significância do passado para professores de história**. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/d2013_Rita%20de%20Cassia%20Gon%C3%A7alves%20Pacheco%20dos%20Santos.pdf> Acesso em: 07 jun. 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos S. Perspectiva da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**. Volume 12 - 1º semestre, 2008, p. 81-96. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/download/1946/1538>. Acesso em: 04 fev. 2020.

Artigo recebido em: 15 de outubro de 2019

Aprovado em: 16 de maio de 2020

SOBRE AS AUTORAS:

Izis Pollyanna Teixeira Dias de Freitas é uma professora e pesquisadora brasileira. É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LAPEH/UESB). Desenvolve pesquisas com ênfase em aprendizagem histórica, didática da história e passado histórico.

Contato: sertaovalente@yahoo.com.br

ORCID: [0000-0002-5475-9042](https://orcid.org/0000-0002-5475-9042)

Edinalva Padre Aguiar é uma professora e pesquisadora brasileira com experiência nos seguintes temas: ensino-aprendizagem histórica, didática da história, formação de professores, história da educação e currículo. É Vice-coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LAPEH/UESB).

Contato: edinalva.aguiar@uesb.edu.br

ORCID: [0000-0001-6940-6496](https://orcid.org/0000-0001-6940-6496)